

DIA 16  
21:30



UNIDOS DA TIJUCA

Assista aqui ao  
clipe oficial



FICHA TÉCNICA

**Fundação**  
31/12/1931  
**Cores**  
Azul e Amarelo  
**Presidente**  
Fernando Horta  
**Carnavalesco**  
Edson Pereira  
**Diretores de Carnaval**  
Fernando Costa e Elisa Fernandes  
**Intérprete**  
Marquinhos Art'Samba  
**Mestre de Bateria**  
Casagrande  
**Rainha de Bateria**  
Mileide Mihaile  
**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**  
Matheus Miranda e Lucinha Nobre  
**Comissão de Frente**  
Bruna Lopes e Ariadne Lax

ENREDO CAROLINA MARIA DE JESUS

**AUTORES:**  
Lico Monteiro,  
Samir Trindade,  
Leandro Thomaz,  
Marcelo Adnet,  
Marcelo Lepiane,  
Telmo Augusto,  
Gigi Da Estiva  
E Juca  
**INTÉRPRETE:**  
Marquinhos  
Art'samba

Eu sou filha dessa dor  
que nasceu no interior de uma saudade  
neta de preto velho  
que me ensinou os mistérios  
bitita cor, retinta verdade  
me chamo carolina de jesus

**Dele herdei também a cruz**

Olhe em mim eu tenho as marcas  
me impuseram sobreviver  
por ser livre nas palavras  
condenaram meu saber  
fui a caneta que não reproduziu

a sina da mulher preta no brasil

**Os olhos da fome eram os meus  
justiça dos homens, não é maior que a de  
deus  
meu quarto foi despejo de agonia  
a palavra é arma contra a tirania**

Sonhei sobre as páginas da vida  
ilusões tolhidas no sistema algoz  
que tenta apagar nossa grandeza  
calar a realza que resiste em nós  
dos salões da burguesia aos barracos  
do borel

onde nascem carolinas  
não seremos mais os réus  
por tantas marias que viram seus filhos  
crucificados  
nas linhas da vida, verbo na ferida, deixei meu  
legado  
meu país nasceu com nome de mulher  
sou a liberdade, mãe do canindé

Muda essa história, tijuca!  
Tira do meu verso a força pra vencer  
reconhece o seu lugar e luta  
esse é nosso jeito de escrever

Eduardo Hollanda/Rio Carnaval



Carolina  
Maria de  
Jesus teve  
a obra  
traduzida  
para mais de  
150 países

ESCRITA QUE  
LIBERTA

que encontrava no lixo, escrevia sobre a fome, a miséria, o racismo, a violência e o cotidiano da favela.

Assim que nasceu “Quarto de Despejo”, livro que revelou ao Brasil uma realidade que muitos fingiam não ver. Carolina virou conhecida como “a favelada que escrevia”. Sua obra incomodou porque denunciava políticos, expunha desigualdades e desmontava a imagem romantizada da pobreza. Em dramática retórica, reivindicava também o seu espaço no circo social, denunciando o palco que foi negado para as tantas peças que escreveu. Desconstruiu a romântica favela dos sambas de época e publicou o desejo maior dos desabrigados: a Casa de Alvenaria, símbolo do pertencimento à cidade.

O sucesso, porém, veio com limites. Esperavam que Carolina falasse apenas da favela e da miséria. Quando tentou ir além, escrever outras histórias, peças e poemas, foi deixada de lado. A ousadia de contrapor a estrutura, de transpor as barreiras a colocaram da porta para fora.

Mesmo assim, Carolina permaneceu e sua escrita resistiu ao apagamento e continuou viva nas páginas, nas memórias e nas inspirações que deixou. Sua gramática das ruas, mistura refinada do pretuguês com as catedráticas orações e rimas, deu forma e entendimento à gigantesca babel de cultura que somos, desafiando o preconceito da língua, da classe e da cor. É essa trajetória que a Unidos da Tijuca celebra com nome e sobrenome.

AFFONSO NUNES

**A** Unidos da Tijuca é a última escola da segunda-feira e entra na avenida com um enredo forte, resiliente e libertador. “Carolina Maria de Jesus” conta a trajetória de uma das mais notáveis escritoras brasileiras, mulher negra e periférica que transformou palavra em sobrevivência, denúncia em literatura e fez de sua vida um legado.

O enredo assinado pelo carnavalesco Edson Pereira, resgata essa trajetória marcada por exclusão, racismo e resistência. A atriz Cyda Moreno, que já interpretou Carolina no teatro durante seis anos consecutivos com o espetáculo “Eu Amarelo, Carolina Maria de Jesus”, agora leva a escritora ao maior palco a céu aberto do mundo. “Ela é um exemplo de força, resistência e superação do racismo, da miséria e da exclusão. O desfile exaltará as mulheres negras, centenas de ‘Carolinas’ que lutam contra a fome, por

respeito, por dignidade e pelos direitos de cidadãs”, afirma a atriz.

Antes de ser conhecida pelo mundo, Carolina Maria era chamada de Bitita, que significa “de cor preta” na língua changana de Moçambique. Essa menina negra nasceu no interior de Minas Gerais, num Brasil ainda marcado pelas feridas da escravidão recém-abolida. Cresceu nos confins do cerrado mineiro, num cenário colorido por marafantonas e congados, onde aprendeu com seu avô Benedito os segredos que só o tempo revela no encanto do falar e do ouvir. Nas barras das saias da mãe, tias e madrinhas, se entrelaçou ao poder das coisas ditas, ao espírito desconhecido das letras e palavras que desejava conhecer. Bitita deu lugar à Carolina quando esta aprendeu que, para existir aos olhos do mundo, era preciso ter um nome, uma assinatura.

Os caminhos e descaminhos da vida a levaram para São Paulo. Sem emprego fixo na metroóle, foi morar na favela do Canindé. Para sobreviver, catava papel, ferro e restos pelas ruas. Também catava histórias. Nos cadernos em branco